

# **Porque o Ocidente não é o Melhor**

**10 MITOS de Superioridade**

Um Livro de  
Francisco Capelo

## Informações de Copyright

Os livros do autor podem ser encomendados no site:

[www.lulu.com/capelo](http://www.lulu.com/capelo)

Contacto na Lulu: Katie Jamison

Email: [orders@lulu.com](mailto:orders@lulu.com)

Morada: 3131 RDU Center Dr. Suite 210, Morrisville NC 27560

Telefone : 919-459-5858

Autor: Francisco Capelo

Site: [www.franciscocapelo.com](http://www.franciscocapelo.com)

Email: [lsalpico@hotmail.com](mailto:lsalpico@hotmail.com)

Todas as editoras cujos livros foram citados deram autorização para a utilização dos seus textos, com a única condição da correcta referência à fonte, na bibliografia.

## Dedicatória

Dedico este livro a Mahatma Gandhi. Repousa em paz.



## Agradecimentos

Agradeço a quase todos os meus professores por me terem mostrado ao longo dos anos como **não** se deve pensar e estudar.

Agradeço à minha família por ter tido tanta paciência comigo.



## Prefácio

Sinto que fazia falta um livro assim.

Desde que, ainda na Universidade, descobri a verdadeira origem do conhecimento através do estudo da Linguística e da Arte Moderna, não descansei enquanto não expressei por escrito essas conclusões.

O mais recente estudo que empreendi deu-se no campo das Ciências exactas - Física e Matemática, e apliquei-lhe apenas algum bom senso e os princípios da lógica da Filosofia, Psicologia e Sociologia, para chegar a um pensamento que é claro como água.

Não vão encontrar aqui ideias óbvias, nem simples.

O que vão encontrar, isso sim, é a tentativa de simplificar ideias complexas, e reduzir um mundo de vastos conhecimentos a algumas frases.

Perante o raciocínio ocidental de extrema racionalização e complexidade formal, há que reformular as ideias fundamentais, reduzi-las ao mínimo denominador comum, encará-las de frente, analisando o que há de verdadeiro e falso nelas, para assim extrair uma conclusão que seja óbvia para todos.

Este é o livro que trata os temas eruditos de forma não erudita.

Seja um cientista social ou das ciências exactas, seja apenas uma pessoa interessada por tudo o que diga respeito à sociedade, este livro interessa-lhe, e vai cativá-lo e surpreendê-lo.



## Índice

<b>. Introdução</b>	<b>Página 1</b>
<b>1 - Semiologia / Linguística</b>	<b>Página 3</b>
. O Mito do morfema / monema enquanto unidade mínima de significação no interior da Linguagem	
<b>2 - Física Quântica / Teoria da Relatividade</b>	<b>Página 19</b>
. O Mito da expansão do espaço do Universo	
<b>3 - Sociologia / Antropologia</b>	<b>Página 35</b>
. O Mito da “sociedade auto - suficiente e sem passado”: os ritos de passagem enquanto máscara social	
<b>4 - Sistema Educativo e Política</b>	<b>Página 45</b>
. O Mito da “sociedade neutra do ensino totalmente democrático”	

## **5 - Psicologia**

**Página 54**

. O enfoque em Freud e a negação de Jung: o Mito da objectividade científica, em Psicologia

## **6 - Economia**

**Página 63**

. O Mito do desenvolvimento à custa do saque dos recursos naturais: o materialismo e consumismo como “Filosofia” de vida

## **7 - Meios de Comunicação**

**Página 72**

. O Mito de Sociedade Desenvolvida = Meios de Comunicação “livres”: os mass media como forma de controle das expectativas das populações nas sociedades modernas

## **8 - Egoцентризм / negação da família matriarcal / patriarcal**

**Página 81**

. O Mito do conceito anglo - saxónico de família como o único possível para uma sociedade justa e estável

**9 - A invenção da moeda**

**Página 90**

. Mito: Tudo é comprável - A moeda como forma única de representação da realidade e de dar sentido à vida

**10 - O “estilo internacional” na arquitectura**

**Página 99**

. Mito: a cidade como palco privilegiado da Democracia - O poder centralizado enquanto tirania moderna

**. Conclusão**

**Página 110**



## INTRODUÇÃO

Dez.

Dez falácias, dez mentiras que se fazem passar por verdades, dez.

E são dez como podiam ser dezenas...

Dez conceitos, dez ideias sobre as quais esta nossa Civilização do Medo constrói outras dez, outras dezenas de pequenas mentiras, que nos transmitem o medo suficiente para não nos interrogarmos sobre onde termina o bem e começa o mal e para nos mantermos produtivos - afinal, a única linguagem possível neste mundo de pequenos feudos da razão e da pseudo - sabedoria, feudos esses que controlam outros pequenos mundos de influências sempre inconfessáveis...

Dez. São dez as pequenas mentiras que nos separam da barbárie.

Invenção da Escrita - uma Mentira.

Invenção da Moeda - a Mentira seguinte

“Invenção” da Industrialização - mais uma Mentira

E por aí adiante...

Sou licenciado em Sociologia do Trabalho pelo Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas, artista plástico com 14 anos de percurso e mais de duas mil pinturas e desenhos realizados, poeta e teórico da sociedade e das artes visuais, vertente arte moderna.

Esta é uma visão pessoal sobre o conhecimento moderno, focando aspectos essenciais das ciências exactas e sociais.

Tentei resumir ao máximo e apresentar o conhecimento na sua forma pura - a **ideia**.

Boa leitura !

## **1 - Semiologia / Linguística**

. O Mito do morfema / monema enquanto unidade mínima de significação no interior da Linguagem

Assuntos abordados :

- . Conceitos de Monema e Morfema
- . A relação de arbitrariedade entre signo e objecto representado
- . O homem primitivo e a comunicação
- . A parcialidade economicista do alfabeto
- . As “linguagens” pré - linguagem:
  - Egípcios
  - Civilizações antigas e os seus sistemas de significação simbólica
- . A ideia por detrás da simplificação comunicativa
- . A “invenção” da escrita e a sua importância como sistema unificador da natureza e do seu caos
- . A defesa do “Castelo Linguístico”: os cientistas sociais “domesticados” pelo medo da complexidade
- . Fases da evolução não cronológica da comunicação humana



. Evolução gráfica dos símbolos - letras

**Bibliografia:**

**Os Fenícios** - Donald Harden, Editora: Historia Mundi (1968)

**Revolução na Linguística** - José Manuel Blecua, Editora: Salvat Editora do Brasil, Coleção: Biblioteca Salvat de Grandes Temas (1981)

**História da Linguagem** - Júlia Kristeva, Editora: Edições 70, Coleção: Signos (1983)

## 1.1. Algumas opiniões de especialistas da Linguística:

### André Martinet

" O *monema* é a unidade mínima de significação, a unidade significativa mínima, unidade da qual podem ser encontrados vários exemplares agrupados no que se chama palavra . "

### Roman Jakobson

" A análise linguística decompõe gradualmente as unidades complexas do discurso em *morfemas*, os componentes últimos do mesmo dotados de significado próprio , (...) "

➤ Exemplos de **monemas** (segundo *Martinet*) :

termostato = termo + stato

donnera = donne + r + a

➤ Exemplos de morfemas (segundo *Blecu*) :

máquinas = máquina (A) + s (B)

" O elemento **A** e o elemento **B** são, portanto, unidades mínimas providas de significação e de estrutura fonética, que além disso podem ser reduzidas a elementos ainda menores, também providos de forma fonética e de significação: são unidades mínimas formais.

Essas unidades mínimas de carácter formal são as unidades sobre as quais trabalha a nova investigação científica, unidades que costumam ser conhecidas pelo nome de morfemas ( unidade mínima formal provida de significação ) "

branca = branc + a

branc e a são dois morfemas diferentes.

## **1.2. Pequena entrevista a José Manuel Blecua :**

### **. Que relação existe entre o som e a significação ?**

- Uma relação estritamente arbitrária. Nessa arbitrariedade reside a originalidade da linguagem humana (!). A linguagem, quando comparada com outros sistemas de comunicação ( os que hoje são estudados pela semiologia ), caracteriza - se pela

arbitrariedade entre o som e a significação. Dito de outro modo, não há qualquer relação natural entre os sons que servem para expressar esta ou aquela noção, nesta ou naquela língua, e a noção em si, ou o próprio objecto que corresponde a essa noção.

**. Não terão prevalecido as vantagens práticas da linguagem fonética ?**

**No fundo existiam também outros sistemas possíveis; ter - se - ia podido partir das imagens , por exemplo.**

- Sim, prevaleceu o facto, por exemplo, de que se pode falar no escuro ( ! ). A comunicação humana utiliza uma linguagem auditiva.

O carácter arbitrário do vínculo entre a forma expressada e o que esta manifesta necessariamente é mais notável num sistema tão desenvolvido como a linguagem ( ! ). Se a comunicação humana se realizasse por meio de representações visuais, deveria restringir - se muito mais à realidade.

"Se declaramos que sem linguagem não existiria possibilidade de sociedade nem de humanidade, é porque o característico da linguagem é, fundamentalmente, significar"

*Emile Benveniste*

### ***Citação do dia***

*"Quaisquer que sejam as limitações de uma sociedade primitiva, encarada do ponto de vista da privilegiada ( ? ) perspectiva da civilização a sua língua é tão exacta, completa e potencialmente criadora de simbolismos referenciais quanto a mais refinada das línguas que conhecemos" – José Manuel Blecua*

### **1.3. Análise do Livro: História da Linguagem, de Júlia Kristeva**

Segundo Kristeva, embora fale, o homem primitivo não reconhece esse acto como um acto de idealização ou de

abstracção, mas pelo contrário como uma participação no universo que o rodeia.

O “homem primitivo” não só se recusa a separar o referente do signo, como também hesita em separar o significante do significado - a “imagem fónica” tem para ele o mesmo peso real da “ideia”, aliás confundida com a primeira. Deste modo, para muitos povos “primitivos”, o conceito “falar” significa agir, significa a própria realidade.

Para Saussure, a língua é apenas um sistema particular do universo complexo da semiótica.

Assim, e segundo Roland Barthes, a semiologia como ciência geral dos signos e dos sistemas significantes, impregna todas as ciências humanas: a sociologia, a antropologia, a psicanálise, a teoria da arte, etc.

#### **1.4. Resumo:**

As sociedades modernas baseiam -se no medo.

Medo de saber mas, sobretudo, medo de perguntar - perguntar à “autoridade” é, por si só, uma afronta à ordem estabelecida.

É assim no sistema educativo, é assim na hierarquia militar, e é também deste modo que se forjam as falácias científicas, tidas por inabaláveis certezas, mas tão débeis que basta um ser humano fazer uma pergunta de criança (como foi o caso de Einstein) para tudo, absolutamente tudo, ruir pela base.

Não admira, por isso, que a Linguística ande a navegar por estranhas marés, fruto do capricho de uns poucos “iluminados” (Noam Chomsky, por exemplo) e da inércia de todos os outros.

José Manuel Blecua “confessa” que o princípio da arbitrariedade entre significante e significado é um dos eixos fundamentais da linguística contemporânea, e esta característica permite que todas as línguas naturais baseiem a sua construção em poucos elementos fónicos (habitualmente entre 20 e 40).

É talvez devido a este “estado das coisas” que ninguém se interroga sobre qual é a unidade mínima de significação no interior da Linguagem...

Monema !, diz André Martinet.

Morfema !, revela -nos Roman Jakobson.

Mas... se monema e morfema querem dizer: “parte de uma palavra”, estamos a falar do mesmo conceito...!

Ora, é óbvio que: Unidade mínima de significação (ou seja, a partícula linguística mais ínfima que pode conter um sentido, um significado, uma ideia) tem de ser obrigatoriamente equivalente à unidade mínima formal, e esta unidade é, tão só, o símbolo, ou signo, ou letra, ou o que se queira chamar.

O problema é que admitir esta simples ideia faria recuar a Linguística milhares de anos, até à criação do sistema de signos chinês, aos símbolos visuais Egípcios, ou às civilizações dos Sumérios, quando os sistemas de significação eram melhorados de geração em geração, de povo para povo. E admitir um retrocesso temporal é uma ideia muito perigosa...

A ciência quer -se totalmente nova para uma sociedade totalmente “moderna”, sem interferências de um passado tão irracional que se torna perturbador...



Deste modo, o segredo mantém -se, conhecido por alguns “Guardiães do Templo da Linguística”, e as populações continuam a viver sem existir realmente, sujeitas a líderes apenas conjunturais.

Dito isto, torna -se mais do que evidente a parcialidade economicista do alfabeto, uma parcialidade minimalista, que reduz todos os pensamentos mais complexos às suas unidades mínimas formais, para que não reste da genialidade original apenas o travo amargo da sua “óbvia” loucura...

E depois, esta simplificação comunicativa será excelente para os objectivos económicos das sociedades apanhadas pela moda da Globalização: falando nos entendemos, mas com este código simples que se faz passar por Linguagem permanecemos seres muito simples também, muito compreensíveis, muito previsíveis, apenas significados lógicos perante a Linguagem - código que os “sábios ocidentais” juram a pés juntos ser o verdadeiro conhecimento...

Neste contexto, a invenção da escrita é importante para dar ordem ao aparente “caos” da Natureza, tão incompreensível aos nossos olhos, tão falho de lógica que assusta até o mais sábio dos sábios da nossa Civilização do Medo.

E é tão simples, esta regra: o medo incutido nas crianças, nas escolas vai ter um efeito de bomba relógio, pois no estado adulto o cientista social fica -se pelas Ciências Humanas e os outros cientistas ficam -se pelas Ciências Exactas, cada um no seu cantinho intelectual, como bom cordeirinho da ordem social pré - estabelecida, e o medo da complexidade e da loucura fará o resto do serviço...

“O conhecimento será o oposto da intuição”

(Quod Erat Demonstrandum - como desejávamos demonstrar)

## 1.5. Fases da Evolução da Comunicação Humana (evolução não cronológica)

### ➤ Fase 1 ou inicial : Sociedades Contemporâneas

- **Cultura livresca**, é necessária leitura e descodificação unilinear ;
- **Visão** segmentada, **parcelar** (acentuada pela compartimentação científica e pela não utilização do conceito do diálogo interdisciplinar) ;
- As **letras** em si mesmas não têm qualquer significado, se separadas de determinado conjunto **não são reconhecidas como símbolos** ( as letras são símbolos utilizados como sinais ) ;
- **Representação** básica a nível formal ( **bidimensional** )
- A **transmissão (códigos)** predomina, relegando a comunicação (linguagem) para segundo plano
- **Ênfase no factor económico** / rapidez / sucinta transmissão de informações através das regras de um código já conhecido (não suscita criação do próprio código) ;

➤ **Fase 2 ou intermédia : Sociedades Egípcia, Chinesa, etc**

- Representação bidimensional, mas com algumas **melhorias ao nível das texturas** (relevo mais acentuado) e esculturas monumentais realizadas com apuradíssimo sentido estético ;
- Conjugação de duas dimensões essenciais : a transmissão de mensagens e o prazer de construir **mensagens artisticamente belas** e intemporais ;
- **Transmissão por signos gráficos** que já permitem algumas interpretações e que são *descendentes* de signos de outras culturas ;
- Código mais aberto a **novas interpretações** e significados ;
- A estrutura das " frases " permite **maior margem de criação** por parte do " intérprete " ;
- Evidente **influência da cultura visual**.

➤ **Fase 3 ou aperfeiçoada : Sociedade Simbólica**

- **Representação tridimensional, real dos objectos** ( representam - se a si mesmos e também representam ideias ), quebrando -se assim uma enorme barreira psicológica à comunicação directa ;
- Permanente contacto com o mundo da **Linguagem** ;
- Cultura em toda a sua amplitude, abarcando todas as capacidades humanas : visão, tacto, olfacto, audição, etc
- Permite uma visão global e um maior equilíbrio do indivíduo, que tem agora consciência de todos os níveis de uma **comunicação completa**, adaptando as funções desta às características da sua própria personalidade e só depois à sociedade ;
- Múltiplas interpretações de apenas um símbolo, não necessitando estes de um contexto para adquirirem significado próprio ;

Como se vê pela tabela da próxima página, houve uma evolução gráfica das “letras”, o que põe em causa o conceito da arbitrariedade da ligação significante - significado referida por

José M. Blecua enquanto forma mais correcta de abordar a Linguagem.

Língua, escrita, textos

Letra Hebraica	Hebreu	Valor fonético	Ahiram	Elibaal (ponto de Osorkon)	Shipit baal	Mesha	Kira Tape bilingüe	Púnico	Neo-Púnico	Grego primitivo	Grego moderno	Remano moderno	Letra Grega
aleph	א	ʾ	ככ	ככ	ככ	כ	כ	כ	כ	Α	Α	Α	alpha
beth	ב	b	בב	בב	בב	ב	ב	ב	ב	Β	Β	Β	beta
gimel	ג	g	גג	גג	גג	ג	ג	ג	ג	Γ	Γ	Γ	gamma
daleth	ד	d	דד	דד	דד	ד	ד	ד	ד	Δ	Δ	Δ	delta
he	ה	h	הה	הה	הה	ה	ה	ה	ה	Ε	Ε	Ε	epsilon
waw	ו	w	וו	וו	וו	ו	ו	ו	ו	Ϝ		Ϝ	digamma
zayin	ז	z	זז	זז	זז	ז	ז	ז	ז	Ζ	Ζ	Ζ	zeta
heth	ח	h	חח	חח	חח	ח	ח	ח	ח	Θ	Θ	Θ	eta
teth	ט	t	טט	טט	טט	ט	ט	ט	ט	Θ	Θ	Θ	theta
yodh	י	y	יי	יי	יי	י	י	י	י	Ι	Ι	Ι	iota
kaph	כ	k	ככ	ככ	ככ	כ	כ	כ	כ	Κ	Κ	Κ	kappa
lamedh	ל	l	לל	לל	לל	ל	ל	ל	ל	Λ	Λ	Λ	lambda
mem	מ	m	ממ	ממ	ממ	מ	מ	מ	מ	Μ	Μ	Μ	mu
nun	נ	n	ננ	ננ	ננ	נ	נ	נ	נ	Ν	Ν	Ν	nu
samekh	ס	s	סס	סס	סס	ס	ס	ס	ס	Ξ	Ξ	Ξ	xi
ayin	ע	c	עע	עע	עע	ע	ע	ע	ע	Ο	Ο	Ο	omicron
pe	פ	p	פפ	פפ	פפ	פ	פ	פ	פ	Π	Π	Π	pi
tsade	צ	s				צ	צ	צ	צ				
qoph	ק	q				ק	ק	ק	ק			Q	
resh	ר	r	רר	רר	רר	ר	ר	ר	ר	Ρ	Ρ	Ρ	rho
shin	ש	s	שש	שש	שש	ש	ש	ש	ש	Σ	Σ	Σ	sigma
tau	ת	t	תת	תת	תת	ת	ת	ת	ת	Τ	Τ	Τ	tau
Data provável das inscrições			Comeco do Sec. X	c.915	Final do Sec. X	c.850	Sec. VIII a. C.	A partir do Sec. V	A partir do Sec. II	Sec. VIII a. C.			

Fig. 33 — Evolução do alfabeto a partir do século X a. C. em diante

## **2 - Física Quântica / Teoria da Relatividade**

. O Mito da expansão do espaço do Universo

Assuntos abordados :

- . Comparação sistema solar / átomo
- . Conceitos fundamentais das ciências exactas
- . Realidade e sonho, exterior e interior
- . Fórmulas do Universo
- . O “Santo Graal” das Ciências “Exactas”
- . O mais importante é saber pensar, e não saber medir - fórmulas úteis preferíveis a fórmulas “exactas”
- . A traição ao “espírito da ciência”: a bomba atómica
- . A negação ocidental a tudo o que não é directamente mensurável: o xamã e o artista enquanto seres subjectivos, a abater pela sociedade
- . As medidas relativas são agora... absolutas !
- . Fechar o conhecimento a sete chaves para obter poder junto das populações que se querem ignorantes



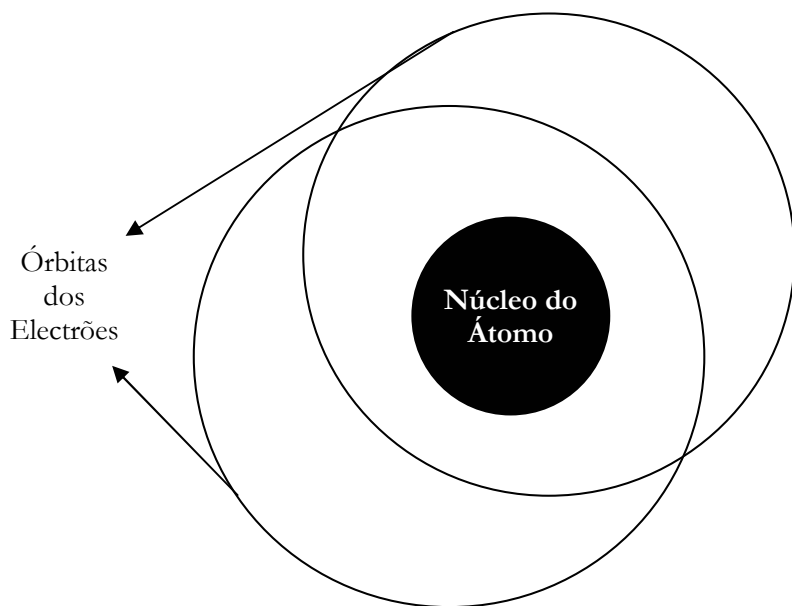
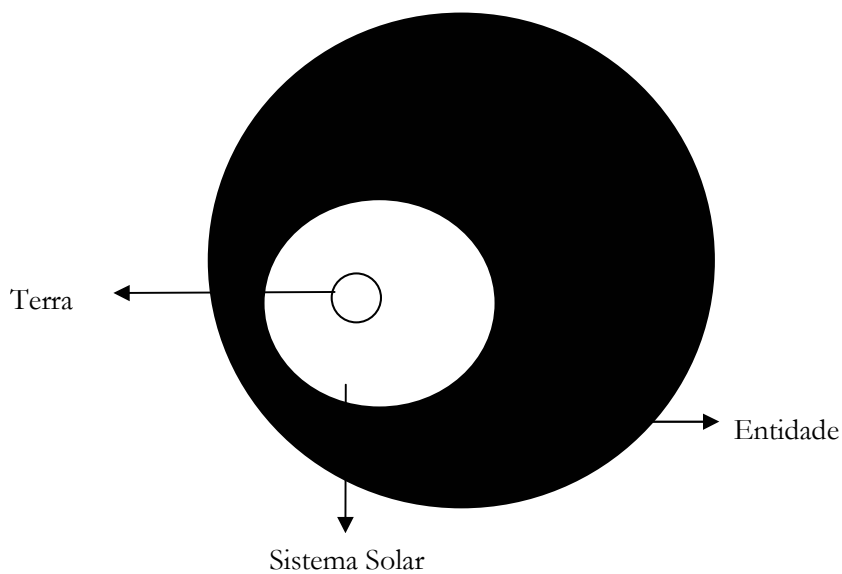
**Bibliografia:**

**Breve História do Tempo** - Stephen Hawking, Editora: Gradiva, Colecção: Ciência Aberta (2004)

**Einstein - Vida e Obra** (*Einstein's Life and Work*) - Peter D. Smith, Editora: Edições ASA, Colecção: ASA Literatura (2005)

(estes dois livros foram uma inspiração para a elaboração deste segundo capítulo, embora não refira directamente texto de nenhum deles)

## 2.1. Comparação Sistema Solar / Átomo



## **2.2. Algumas ideias**

Não só o Tempo é diferente para a entidade e para o sistema solar, como as dimensões relativas são tão afastadas que nenhum dos dois sabe que o outro existe como forma de vida organizada.

O movimento não afecta a massa de forma significativa porque o universo está a uma escala, não macro cósmica como se pensa, mas sim micro microscópica, perante a entidade. O universo é macro perante o homem e micro perante a entidade, portanto. Logo, a Ciência deverá criar uma disciplina que se ocupe da comparação funcional entre as estruturas micro orgânicas e o universo.

Neste momento existe a divisão cientificamente criada entre a realidade (estudada pela Teoria da Relatividade e Leis Físicas) e a micro realidade (estudada pela Física Quântica).

Partimos do princípio de que um corpo imóvel tem carga zero porque não se mexe, não tendo sido aplicada nenhuma

força. Mas, só o facto de ele estar visível, significa que está em desequilíbrio.

A nível microscópico as forças de inércia são enormes, como ficou provado através da energia nuclear, e o volume é algo que não existe para a medição a partir do exterior.

O tempo de vida médio de cada espécie depende da massa e da posição relativa no espaço.

Poderemos existir fora do Tempo. E o tempo absoluto é zero, e é o único valor que pode ser o seu próprio valor negativo:

$$0 = -0 = +0 ;$$

$$0 = 0$$

Nos buracos negros há muita energia porque não existe tempo. No universo existe pouca energia porque existe muito tempo (espaço manteve -se a nível micro microscópico).

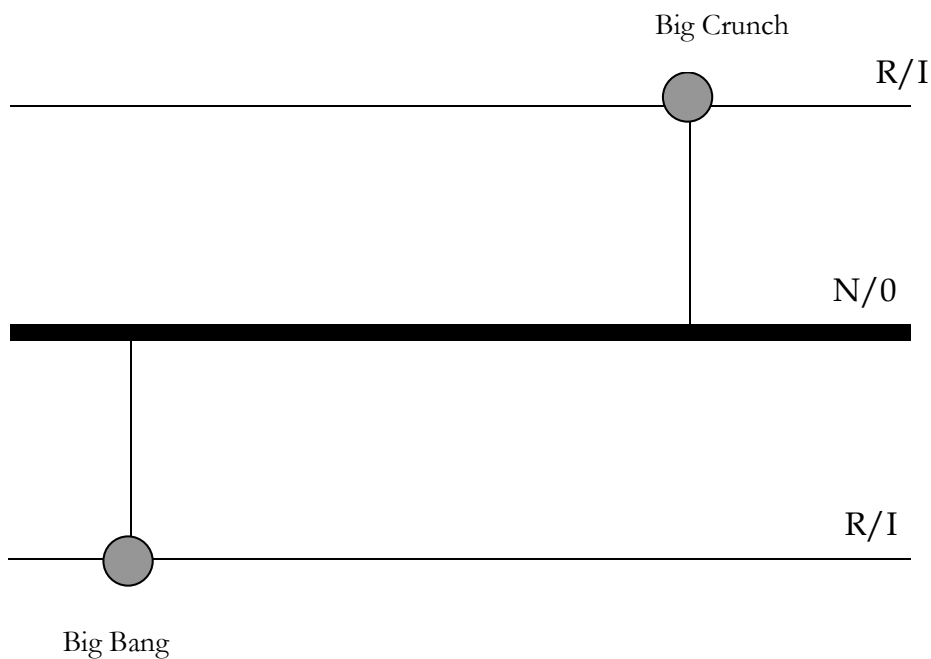
Fazendo um paralelismo:

<b>Realidade</b>	<b>Sonho</b>
Matéria	Anti - matéria (é muito mais forte porque existe em pontos mais pequenos)
Tempo existe	Tempo muito próximo de 0
Corpo	Mente / alma

A órbita dos planetas em relação às estrelas pode ser considerada como as órbitas dos electrões em relação ao núcleo do átomo.

Outro paralelismo:

<b>Escala do Universo</b>	<b>Escala micro microscópica</b>
Atmosfera	Grupos de electrões à volta do núcleo do átomo
Planetas e estrelas	Átomos / células da totalidade do universo
Vácuo	“Sangue” do universo



Legenda:

N / 0 - Núcleo (valor de **Tempo = Zero**)

R / I - Realidade (Valor de **Tempo = Próximo do Infinito**)

● - Pontos de Contacto do Núcleo com a Realidade

Para resumir, poder -se -á considerar estas fórmulas como forma aproximada de dar sentido ao universo:

<b>Exterior</b>	<b>Interior (núcleo atómico, por exemplo)</b>
Energia x Densidade = Tempo x Espaço	Energia x Tempo = Densidade x Espaço

Aplicando as fórmulas anteriores, temos que:

**Interior:**

Tempo (próximo de 0) x Energia (grande) = Densidade (grande) x Espaço (próximo de 0)

**Exterior:**

Energia (pequena) x Densidade (baixa) = Tempo (alto) x Espaço (diminui muito)

Existe um núcleo (que assume várias formas de expressão, sejam elas o Inconsciente, o magma da Terra, o

interior de um átomo, etc), onde se verificam estes valores relativos:

Tempo: Próximo de 0

(pode ser atingido em estados de meditação profunda de mestres budistas, significa a ausência quase absoluta. Aqui, o valor da inércia é monstruoso)

Energia: Altíssima, força em estado quase puro

Espaço: Quase zero

Densidade: Alta

### **2.3. Resumo:**

É hoje óbvio o paralelismo entre a explicação dos cientistas das ciências “exactas” sobre o Universo e a explicação religiosa de matriz cristã, e seus mitos fundadores com origem em outras civilizações e até religiões.

Todas estas explicações falam de um início (big bang para a ciência, criação do mundo para a religião) e um fim (big crunch para a ciência e fim do mundo para a religião).



Ora, este paralelismo torna aparentemente estável a coerência entre a perspectiva religiosa e a explicação científica, e isso é precioso, extremamente útil para manter a coesão social e a esperança das pessoas.

Vem este facto a propósito de uma ideia que está na base de todo o conhecimento “científico”: a ideia da expansão do espaço após o tal big bang.

Stephen Hawking parece não ter dúvidas quanto a esta situação, que aparenta ser de uma lógica inquebrantável...

Mas, se analisarmos de forma profunda as próprias bases das ciências “exactas”, poderemos ter uma visão global e de contornos mais definidos do que são os fundamentos para as teorias, e de como esses fundamentos são apenas fugazes marcas da emoção humana perante o eterno desconhecido: a vastidão do Universo.

O que é o Tempo? O que é o espaço? O que é a energia e como se mede esta força?

Poderá um elo minúsculo (ser humano e planeta Terra) alguma vez obter as “chaves” deste mistério?

Parece tudo tão certo na matemática, nas leis do mundo físico, e até na física quântica, que o mais certo é os princípios fundamentais estarem errados.

Digamos, portanto, que há uma falha na “lógica do sistema de pensamento” ocidental.

Digamos que todas as fórmulas são o fruto de especulações teóricas abstractas, sem conexão directa à “verdadeira realidade”.

Digamos que as medidas que julgávamos absolutas (espaço, energia, etc) são apenas relativas, pois variam na mesma proporção apenas e só no nosso contexto visível, mas que as tomamos como valores absolutos porque necessitamos de uma ciência previsível.

Digamos que o espaço apenas se expandiu nessas teorias, porque parece lógico ao ser humano que isso assim seja, na sua visão sempre relativa e conjuntural.

Imaginemos que a realidade que vemos apenas é grande para nós, seres humanos que, medindo-a à nossa minúscula escala, nos parece imensamente grande, absurda, ameaçadora.

Será o átomo estruturalmente idêntico ao sistema solar?

Poderão ser os planetas apenas electrões, com órbitas à volta de um núcleo?

Sabemos o que não sabemos:

A física quântica explica as propriedades das partículas mais ínfimas da matéria;

As leis do mundo físico explicam a realidade à nossa dimensão.

O “Santo Graal” das ciências exactas será a união destas duas vertentes científicas (segundo os especialistas).

Mas, se esses mesmos especialistas continuarem a dizer que o espaço se expandiu, pouco haverá a descobrir... e o mistério continuará, sem que haja grandes avanços.

São preferíveis, sobretudo em Ciência, as fórmulas pedagógicas às fórmulas absolutamente exactas. E são preferíveis porque seria excelente a transmissão dos segredos do Universo ao maior número de pessoas, para que o manto de

silêncio patológico - ou seja, o medo - não triunfe sobre a vontade das populações em saber os dados científicos que aparentemente estão guardados pelos “especialistas”, qual segredo inviolável que não se deseja revelar...

O “espírito da ciência” não é nem foi nem será abastardado pela transmissão generalizada do saber às populações; esse espírito científico foi e é traído pelo poder político, como foi o caso da utilização completamente abusiva das bombas atômicas em Nagazaki e Hiroxima contra a vontade expressa da comunidade científica da altura...

Existe também uma indefinição muito útil em termos políticos em volta da quantificação da energia dos buracos negros - num futuro próximo se compreenderá melhor esta afirmação.

E existe uma negação do ocidente, uma negação quase infantil, a tudo o que não é directamente mensurável, ou seja, tudo o que não seja facilmente convertido pela tecnologia em arma...

## **2.4. Jogo das Escalas:**

A formiga pergunta -me:

- Porque razão tu és tão grande?

E eu digo então: - Eu? Grande? Eu até sou pequeno, em relação aos meus irmãos... Tu, tu é que és pequena em relação a mim, não sou eu que sou grande, formiga!

Da mesma forma, se perguntássemos ao Universo:

- Porque razão tu és tão grande? Porquê?

Ao que ele responderia:

- Eu? Eu não sou grande... Tu é que me vês a uma escala em que eu pareço infinitamente grande. Mas, afinal estás a ver apenas um pedacinho de uma molécula... Eu não sou infinitamente grande: sou infinitamente pequeno, em relação ao corpo que me contém !

(como vêem, é tudo uma questão de escalas... É a eterna questão de se saber a dimensão de um corpo, em relação a uma outra dimensão, também ela relativa...)

***Citação do dia***

*“A mentira não se torna a verdade  
apenas porque é a autoridade a dizê -la.”*

*- Porquê?*

*Resposta - Tudo é relativo...”*

### **3 - Sociologia / Antropologia**

. O Mito da “sociedade auto - suficiente e sem passado”

Assuntos abordados :

- . O xamanismo: os estados alterados de consciência, a relação com o Estado e as medicinas tradicionais, a origem da religião, a loucura
- . A ausência dos ritos de passagem (Universidade - praxes - o ser humano precisa destes ritos e renova-os)
- . A negação das raízes na sociedade pós - industrial (a eliminação pura e simples de certas categorias sociais como a do Xamã, é essencial para prolongar a mentira de que se chegou à máxima evolução da espécie humana)
- . A estrutura mental em sociedade como algo de antropologicamente imutável
- . O corte com o passado das sociedades tribais / o medo pelo desconhecido e pelo que é estranho
- . A ridicularização pública das sociedades antigas
- . O mito da “superioridade moral” perante outras civilizações: o Etnocentrismo



- . O preconceito da aplicação do paradigma da revolução industrial às sociedades em vias de desenvolvimento
- . O enfoque no economicismo da globalização como algo de inevitável

### **Bibliografia:**

**O Xamã** - Piers Vitebsky, Editora: Taschen, Coleção: Grandes Tradições Espirituais (1995)

**O Paradigma perdido: A natureza humana** - Edgar Morin, Editora: Europa América , Coleção: Biblioteca Universitária (1973 - primeira edição)

### **3.1. Análise da Obra: “O Xamã”, de Piers Vitebsky**

Segundo Piers Vitebsky, o xamanismo é uma religião adequada para uma sociedade de caçadores, sem classes, mas os xamãs persistem ainda sob os mais diversos sistemas sociais e políticos. O processo terapêutico do xamã é caracterizado por estados alterados de consciência. No entanto, e tal como o toque de tambor, a dança, o jejum e a privação do sono, a causa em si não explica o conteúdo e o tom emocional dos estados xamânicos; o que os alucinogêneos revelam não é um desvio da realidade mas uma realidade verdadeira.

A experiência do xamã nunca é apenas uma viagem pessoal de descoberta, mas também um serviço à comunidade. Ser xamã será de facto a mais velha das profissões, ao exercerem-se as funções que, numa sociedade industrial, são desempenhadas separadamente pelo médico, pelo psicoterapeuta, pelo soldado, pelo adivinho, pelo sacerdote e pelo político. Sempre que são íntimos os contactos entre as comunidades xamânicas e o Estado, estas são muitas das vezes postas de lado pelo capital ou pela cultura dominante. Aliás, o xamanismo foi largamente perseguido no mundo comunista, por exemplo.

À primeira vista, as acções do xamã parecem incompatíveis com a visão do mundo geralmente aceite pela sociedade industrial. O pensamento xamânico entra em conflito com os modelos “racionais” e mecanicistas de causa e efeito que operam na corrente principal da ciência. A visão de uma pureza e protecção ecológicas total destas populações ensinaria os poderes das sociedades modernas, se eles ouvissem esta voz. Numa sociedade cada vez mais fragmentária, despersonalizada e sem raízes, olhar para a sociedade xamânica é compreender as relações sociais e humanas de pequena escala como algo de profundamente pedagógico.

As descobertas paleolíticas do Século XX abriram o caminho a interpretações que tornaram o xamã a figura principal na busca das origens da religião. Barre argumenta que todo o nosso conhecimento do sobrenatural ou do divino vem de xamãs e de visionários semelhantes. De facto, e enquanto os profetas e outros místicos com experiência directa de Deus são vulgarmente de importância crucial na fase inicial de uma religião mundial, já nos últimos estágios passa a constituir um desafio perigoso à autoridade constituída pelos sacerdotes dessa religião.

O paralelo mais próximo para a loucura do xamã será talvez o estado clinicamente designado por esquizofrenia: todavia, as diferenças são bastante grandes, tanto psicológica como socialmente. Em último caso, é a sociedade que distingue entre o comportamento do xamã e o do esquizofrênico ou do psicótico. Um transforma -se em herói e o outro em paciente de um hospital...

Qualquer que seja o modo como as pessoas de fora considerem o estado mental do xamã, as sociedades xamânicas vêm uma continuidade entre este estado e o do paciente e da sociedade, considerados como um todo.

### **3.2. Resumo**

Existe, ao nível do marketing das sociedades modernas, uma máscara sociológica / antropológica, e essa máscara tem o condão de fingir que as sociedades “desenvolvidas”, por terem sofrido uma revolução industrial, se encontram no caminho correcto para uma subtil ideia de superioridade moral sobre as sociedades em vias de desenvolvimento.

Esta ideia ignóbil é defendida de uma forma evidente nas cadeiras de História e Economia das Universidades ocidentais e foi recentemente verbalizada por Tony Blair, indo de encontro / tornando visível o paradigma anglo - saxónico, paradigma esse que tenta dominar os sistemas de pensamento mundiais há várias décadas, senão mesmo séculos.

Essa máscara tem um nome. Chama -se rito de passagem, e a Civilização que a conseguir iludir melhor aos olhares exteriores será aquela que ganhará vantagem na tal ideia de superioridade que já referi.

O que acontece é que as sociedades “não desenvolvidas” têm ritos de passagem óbvios, e um conceito de família a um nível ainda tribal, que tanto desagrada ao paradigma anglo - saxónico.

O ridículo da situação é que o lugar - chave da sociedade moderna - a Universidade, ou seja, o local onde estas mentiras se tornam verdades para os alunos, é exactamente o local onde esses ritos de passagem ao estado adulto são mais evidentes e bárbaros, sendo aí designados por: praxes aos caloiros.

É necessário primeiro que tudo compreender que a ausência destes ritos obriga à sua invenção e renovação, ou seja, a estrutura mental colectiva é algo de antropologicamente imutável, e as sociedades tecnologicamente mais avançadas são também as que se fingem mais esquecidas em termos de rituais de passagem, sendo este corte com o passado um óbvio sinal do enorme medo das forças internas desconhecidas do ser humano.

Há, é claro, uma vontade inata, uma necessidade psicológica do indivíduo em sociedade perante os ritos de passagem, seja qual for o grau de desenvolvimento económico dessa sociedade.

Mas a tentativa apressada de mascarar estes ritos vai mais longe, ela chega à negação das raízes das sociedades pós-revolução industrial, sendo a eliminação pura e simples de certas categorias sociais como a do Xamã essencial para prolongar a mentira de que se chegou à máxima evolução da espécie humana em termos de sociedade.

Por outro lado, a ridicularização pública das sociedades antigas às mãos dos mass media, o mito da superioridade sobre

outras civilizações, o preconceito da aplicação do paradigma da revolução industrial a todas as sociedades, o enfoque no economicismo da globalização como algo de inevitável, tudo isto são marcas do Etnocentrismo que corrói a Civilização Ocidental, fruto do paradigma da dominação pelo medo, baseado na visão anglo - saxónica do mundo.

Assim, não só os ritos de passagem e o Xamanismo não desapareceram, como se apresentam hoje sob subtis e renovadas formas, quer sejam praxes em universidades / rituais em sociedades secretas, ou artistas geniais como Rimbaud / Jim Morrison, entre muitos outros exemplos.

Edgar Morin refere mesmo os ritos como a expressão mais autêntica da neurose da humanidade.

Para este autor, o homo sapiens criou um ritual novo, em relação ao rito animal, e este rito conjuga três vertentes:

- a comunicação social, em que cada qual desempenha o seu papel consoante o seu estatuto social;
- os ritos patológicos individuais, que cada um inventará para ultrapassar as suas próprias crises;

- a terceira vertente acrescenta o mito e a magia, o medo do exterior (ambiente e mundo) e o medo também do interior de si próprio : “o homo sapiens pagou um preço fabuloso pelo compromisso interior e exterior que a magia lhe causa. Esse preço recebe o nome do rito mais espalhado, mais enraizado, mais arcaico: o **sacrifício.**”



## **4 - Sistema Educativo e Política**

. O Mito da “sociedade neutra do ensino totalmente democrático”

Assuntos abordados :

- . A falácia da “Democracia”: influências políticas no ensino - Estrutura do ensino: primário, básico e secundário, universitário
- . Influências claras da política no ensino universitário e o seu significado (tentativa de moldar os espíritos dos estudantes numa altura crucial da sua personalidade - adolescência)
- . Reformas do ensino apenas para o ensino básico e secundário
- . Incompetência pedagógica dos “professores” universitários
- . Visão política do ensino
- . Os lobbies e o ensino superior
- . A Bauhaus enquanto possível “modelo ideal” da educação
- . O método pedagógico na Bauhaus

**Bibliografia:**

**Escola, Sociedade - Que relação?** - Luiza Cortesão, Editora: Edições Afrontamento, Coleção: Biblioteca das Ciências do Homem (1988)

**A crise e a incógnita da Universidade portuguesa** - José Eduardo Moniz, Editora: Livraria Bertrand, Coleção: Realidade e Denúncia (1976)

**História das Artes Visuais - Séculos XIX e XX** - José Fernandes Pereira, Editora: Texto Editora (1992)

#### **4.1. Resumo**

A forma como o ensino está estruturado corresponde a uma visão do indivíduo muito básica, dependente de estudos psicológicos bastante divulgados na nossa sociedade.

Senão, vejamos:

- Ensino:

- . Primário (4 anos - dos 6 aos 10 anos de idade)
- . Básico (5 anos - dos 10 aos 15 anos de idade)
- . Secundário (5 anos - dos 15 aos 20 anos de idade)
- . Universitário (5 anos - dos 20 aos 25 anos de idade)

Assim, quaisquer alunos que por qualquer razão fujam à regra etária estabelecida, ficam fora do sistema, como é o caso da Lei da Escolaridade Obrigatória no Ensino Básico: segundo esta lei, todo o aluno com mais de 15 anos não poderá frequentar o Ensino Básico normal - diurno, e terá de frequentar o ensino recorrente - nocturno.

No ensino primário, existe um só professor (que representa a figura paterna / materna); no ensino básico e secundário, passa -se a outro esquema: muitos professores para muitas disciplinas, e no universitário mantém -se o que se passa no básico e secundário.

O mito do ensino objectivo e neutro esbarra com a clara influência da religião cristã em todo o processo de pensamento ocidental e também com a rigidez e superficialidade do sistema educativo / raciocínio científico.

Por outro lado, o ensino universitário é um dos pontos -chave do equilíbrio da sociedade, e é pena que esteja actualmente refém do poder político, assim como este está dependente do sistema económico.

Aliás, as claras influências políticas são a tentativa de moldar o *modus operandi* de gerações de estudantes numa altura crucial da sua personalidade - adolescência - o que provoca inúmeros desequilíbrios - depressões, dependência de drogas, etc etc etc.

É óbvio que, quando os ministros da educação fazem reformas do ensino, deixam sempre de fora o ensino universitário, essas imutáveis coutadas do poder.

As Universidades moldam o sistema de pensamento da sociedade à medida da relação de forças internacional do momento (globalização é a moda, por esta altura), e o medo do desconhecido e a necessidade do canudo por parte dos alunos fará o resto.

Os “professores” universitários, de facto, não têm nem precisam de ter habilitações pedagógicas para exercer a função educativa: basta um convite pessoal.

Luiza Cortesão diz -nos, sobre o ensino no tempo de Salazar, algo que ainda hoje é aplicável:

- A instituição escolar contribuiu para acentuar a diferenciação existente entre os estratos da sociedade portuguesa;
- A escola foi utilizada para modelar, no sentido considerado desejável, o espírito dos alunos;

- Tudo parece indicar o carácter fortemente selectivo, em relação à classe social, da estrutura, propostas pedagógicas e funcionamento do sistema escolar;
- Podemos admitir que a escola, longe de ser neutra, foi na realidade sempre usada como um instrumento ideológico.

José Eduardo Moniz, focando a sua atenção no período pós - 25 de Abril, diz mesmo que a Universidade tem sido utilizada como autêntico balão de ensaio para lutas políticas.

Ora, e uma vez que as estruturas sociais e económicas se mantiveram no país após a revolução, também as universidades mantêm as suas tendências políticas internas bem vivas e actuates...

#### **4.2. O modelo educativo ideal: A Bauhaus**

Fundada em 1919 pelo arquitecto Walter Gropius, a Bauhaus foi a mais célebre escola na história da arquitectura e do design contemporâneos, onde exerceram funções docentes

alguns dos nomes – chave da arquitectura e da pintura da época.

A Bauhaus foi um exemplo típico de Escola democrática, baseada no princípio da colaboração entre mestres e alunos. Concebida como um pequeno mas completo organismo social, visava realizar uma unidade perfeita entre o método didáctico e o sistema produtivo. A verdadeira fisionomia da Bauhaus era a de uma comunidade artística organizada: os mestres e os alunos viviam na Escola durante todo o período dos cursos; a sua interacção continuava até nas horas de repouso. A actividade artística inseria-se e integrava-se espontaneamente na vida do dia a dia. Um ensino prático, chamado de harmonização, apoiado na base unitária do som, da forma e da cor, integrava as diversas atitudes físicas e psíquicas dos indivíduos. A cultura que se queria dar ao artista era uma livre capacidade de experiência, um modo lúcido de estar no mundo, uma clara consciência de civilização.

Gropius recuperou das Arts and Crafts e da Deutscher Werkbund o gosto pela produção artesanal, que significava a qualidade contra a quantidade, o empenho do artífice contra a



frieza da máquina, as relações de trabalho personalizadas e criativas contra a cadeia alienatória da fábrica.

A viragem política da Alemanha, traduzida pelos triunfos do partido nazi, tornou impossível a continuidade da Bauhaus. Tendo a Escola sido encerrada em 1933, os seus principais professores (Gropius, Mies Van Der Rohe, Breuer, Moholy Nagy) emigraram para os Estados Unidos, onde se mantiveram fiéis à estética funcionalista da Bauhaus.

## **5 - Psicologia**

. O enfoque em Freud e a negação de Jung: o Mito da objectividade, em Psicologia

Assuntos abordados :

- . O indivíduo enquanto ser psicologicamente padronizável
- . A rejeição a priori da individualidade criativa
- . A impossibilidade da aceitação de conceitos subjectivos e perturbadores (exemplo - inconsciente colectivo)
- . O medo dos espíritos e da espiritualidade sã nas ciências humanas
- . A procura de uma ciência psicanalítica unificadora, controlada por um sistema de pensamento minimamente estável
- . As personalidades de Jung e Freud
- . O Comité Secreto de apoio a Freud

**Bibliografia:**

**Freud estava errado. Porquê? Pecado, Ciência e Psicanálise** - Richard Webster, Editora: Campo das Letras, Coleção: Campo das Ciências (2002)

**Sistemas e Teorias em Psicologia** - Melvin H. Marx, William A. Hillix, Editora: Cultrix (1963 - primeira edição)

## 5.1. Resumo

Quando duas Teorias tão fortes como a Freudiana e a Jungiana se “defrontam” num mesmo espaço de ideias, não existe meio termo; as características de personalidade pessoais do observador / cientista farão com que ele tenha de tomar partido por uma delas.

Freud é o “gigante” incontestado da Psicologia, segundo todos os “especialistas”, Jung o aluno / discípulo que se tornou o mais famoso e influente dos “rebeldes”.

Escolher Freud significa escolher o caminho seguro da ciência, escolher Jung é escolher a subjectividade e o instinto.

É disto que se trata, nem mais nem menos.

Freud equivale a estudar a mente do indivíduo enquanto ser psicologicamente padronizável, redutível à pulsão sexual, à semelhança das fases de Piaget, é a rejeição a priori da individualidade criativa, é o hiper - realismo da banalidade, a impossibilidade de aceitação de conceitos subjectivos e perturbadores, e é, sobretudo, o medo dos espíritos e também

de uma espiritualidade sã que se possa infiltrar nas ciências humanas.

Trata -se, no fundo, da procura de uma ciência psicanalítica unificadora, controlada por um sistema de pensamento minimamente estável - é, portanto, um sistema do Medo.

A este respeito Kuhn tem uma opinião muito interessante; ele enfatiza que a ciência normal progride mediante o trabalho que se desenrola dentro da moldura de um “paradigma” - leis e teorias que sugerimos serem partes importantes da ciência.

Estas são as 10 razões pelas quais todo o cientista “sério” deveria odiar e renegar Carl Jung:

- 1- Considera o estudo do presente e futuro tão ou mais importantes que o estudo do passado;
- 2- Acreditava que a energia psíquica era tanto ou mais indestrutível que a energia física;

- 3- Aversão pela metodologia científica;
- 4- Estudo profundo das produções artísticas de várias eras e culturas;
- 5- Optimismo e coerência com o ponto de vista religioso;
- 6- Interessava -se pelos mitos e religiões orientais;
- 7- A psicologia de Jung é uma boa companhia para o existencialista;
- 8- Jung desertou da ciência organizada;
- 9- Para Jung, as imagens “primordiais” arquetípicas não tinham origem em percepções, memória ou experiência consciente, antes pareciam reflectir medos universais de experiência e comportamento humanos;
- 10- Só quando os arquétipos entram em contacto com a mente consciente, é que ela pode compreender e assimilar esses arquétipos.

São dez razões de puro medo perante o desconhecido, como se vê.

E não. O conceito mais importante da Psicologia não é um dos de Freud, antes pertence a Jung: Inconsciente Colectivo e os seus arquétipos.

Quem escolheu, optou por Freud, e não Jung. E escolheu - o devido às 10 ideias que acabam de ler - duvidam... ?

Eu não.

## 5.2. **Alguns factos - análise da Obra: “Freud estava errado. Porquê?”**

Segundo Richard Webster, a vontade férrea de Freud em designar Carl Jung o seu *sucessor e príncipe herdeiro* enquanto Presidente permanente do movimento psicanalítico tinha a ver com a origem não judaica deste, pois Freud sentia já nesse momento um anti - semitismo inultrapassável se não se construíssem pontes com o mundo científico e académico.

Existe um paralelismo evidente entre estes dois homens, que dá pelo nome de: personalidade profundamente messiânica.

Segundo o mesmo autor, o feito mais duradouro da psicanálise foi tomar uma concepção do mundo fundamentalmente supersticiosa e irracional, derivada



claramente da tradição judaico - cristã, e rerepresentá -la no vocabulário da ciência moderna.

E, segundo palavras do próprio Jung:

“Pensamos sempre que o cristianismo consiste numa confissão particular de fé e na pertença a uma Igreja. Não, o cristianismo é o nosso mundo. Tudo o que pensamos é fruto da Idade Média e, na realidade, da Idade Média cristã. Toda a nossa ciência, tudo o que passa pela nossa cabeça, atravessou inevitavelmente essa história.”

### 5.3. O Comité Secreto

Um dos discípulos de Freud mais zelosos chegou a propor um Comité Secreto, destinado a proteger Freud e as suas doutrinas. Em Maio de 1913 todo o Comité se reuniu pela primeira vez e, após uma discussão das ideias *heréticas* de Jung, a reunião tornou -se um ritual informal no qual Freud sugeriu um anel de ouro como emblema secreto daquelas funções.

Nos dez anos seguintes os membros do Comité actuaram como um grupo invisível de controlo da evolução do

movimento psicanalítico, trocando entre si cartas semanais para coordenar as actividades em Viena, Londres, Berlim e Budapeste.

Para concluir este assunto, um pensamento muito interessante de Thomas Szasz:

“(...) A liderança de Freud era enganosa. Ele criava uma atmosfera pseudo - democrática, pseudo - científica, mas tinha o cuidado de reservar para si mesmo o poder de decidir todas as questões importantes (...)”.

No fim de contas, diz Webster, os critérios de *verdade* psicanalítica eram completamente subjectivos.

## **6 - Economia**

. O Mito do desenvolvimento à custa do saque dos recursos naturais: o materialismo e consumismo como “Filosofia” de vida

Assuntos abordados :

- . A influência das modernas “teorias da gestão” num mundo cada vez mais catalogável, consumível e descartável
- . A recusa dos movimentos ecologistas como algo de excessivo e demasiado poético
- . O pragmatismo do dinheiro: tudo é comprável
- . A falta de emoções no discurso economicista dos governos das sociedades “modernas”
- . O saque dos recursos naturais dos países do 3º Mundo
- . O petróleo enquanto única via
- . Consumo de recursos naturais a nível mundial, por país

### **Bibliografia:**

**A desigualdade do mundo - A Economia do Mundo Contemporâneo** - Pierre- Noel Giraud, Editora: Terramar, Colecção: Actualidades (1998)

**O dinheiro louco** - Alain Minc, Editora: Difel, Colecção: Documento e Ensaio (1990 - primeira edição)

### **Websites:**

[http://www.escolasverdes.org/quem\\_somos/nuno/relatorios/2003-11-04.pdf](http://www.escolasverdes.org/quem_somos/nuno/relatorios/2003-11-04.pdf) - **A relação entre conflitos armados e o controlo de recursos naturais**, Mestrado de Luís Nuno Quental, Universidade de Aveiro

[http://europa.eu.int/comm/environment/natres/pdf/com\\_natres\\_en.pdf](http://europa.eu.int/comm/environment/natres/pdf/com_natres_en.pdf) - European Union's Thematic Strategy on the sustainable use of natural resources - © European Communities, 1995 (Estratégia sobre a utilização sustentada dos recursos naturais da União Europeia - © Comunidades europeias, 1995)

<http://atlas.aas.org/index.php?part=2> - Atlas of Population and Environment - American Association for the Advancement

of Science website (Atlas da População e do Ambiente – Website da Associação Americana para o Avanço da Ciência)

## 6.1. Resumo

Desde a época inicial do colonialismo e escravatura mundiais (expansão portuguesa, inglesa e espanhola), que a rapina dos recursos naturais dos países mais pobres se tornou uma triste constante do plano de “desenvolvimento” acelerado dos países mais ricos.

Os movimentos ecologistas têm tentado acordar as opiniões públicas, mas o ritmo de vida desenfreado das grandes metrópoles (locais onde, não esquecer, se concentram fortes percentagens das populações dos respectivos países), levam a que esta rapina altamente organizada atinja o nível de uma medida de pura sobrevivência mútua.

Perante esta situação, enfrentamos o pragmatismo do dinheiro: tudo é comprável, e a coacção militar fará o resto, perante a evidente corrupção dos poderes internos do 3º Mundo.

Por outro lado, as modernas ideias de gestão, com uma preciosa ajuda de certas teorias de Psicologia, tornam o mundo

um imenso cardápio ou supermercado, onde tudo é catalogável, consumível e descartável, incluindo, claro está, os recursos humanos / mão de obra, num contexto social caracterizado pelo discurso economicista de políticos de carreira, onde não há lugar para a emoção ou o intelecto.

Segundo Pierre - Noel Giraud, actualmente a desigualdade do mundo apresenta -se sob a forma de uma profunda desigualdade entre os países. Já Alain Minc refere a hipocrisia reinante nos países desenvolvidos: o socialismo para os salários e a social democracia para o capital...

“Tais são os inconvenientes do espírito comercial. As inteligências estreitam -se, a elevação do espírito torna -se impossível. A instrução é desprezada (...), e pouco falta para que o espírito do heroísmo se não extinga de todo.” - Estas lamentações não são de Marx, mas antes de Adam Smith, o pai do liberalismo económico !

Até a União Europeia, na sua estratégia de desenvolvimento sustentável pelo uso de recursos naturais, refere que, nos últimos 50 anos, o ser humano mudou o ecossistema mais rapidamente e em maior extensão do que em qualquer período comparável de tempo na história humana, em



grande parte para suprir cada vez maiores quantidades de comida, água, madeira e combustível necessárias às sociedades.

De acordo com Luís Nuno Quental, entre a variedade de motivações para a guerra encontra-se a competição por recursos naturais valiosos, quer existam em abundância ou sejam raros. Desde o final dos anos 90 que é generalizado o conhecimento da relação íntima existente entre extracção ilegal de recursos, tráfico de armas, conflitos violentos, violações dos direitos humanos e destruição ambiental. Se a extracção dos recursos gera avultadas receitas, esse benefício só dificilmente é traduzido numa melhoria da qualidade de vida das comunidades locais. De facto, os montantes envolvidos servem para alimentar uma intrincada rede de influências, corrupção e a riqueza de vários líderes políticos e militares de alta patente.

Dois dos factos modernos de maior impacto no futuro da humanidade são:

- O desinvestimento na investigação da energia pura derivada do Hidrogénio (provavelmente os donos do

Petróleo desejam abafar este passo fundamental a nível tecnológico, com impacto imediato enorme na vida das pessoas);

- A não ratificação dos acordos internacionais (por exemplo o de Kyoto) pelos Estado Unidos da América (acordos para redução do buraco de ozono e diminuição da temperatura no planeta Terra), desequilíbrio esse que já desencadeou vários furacões e fenómenos preocupantes a nível da metereologia mundial.

Assim, o mito do desenvolvimento (desenvolvimento económico, apenas) passa inevitavelmente pelo saque dos recursos naturais de outros países e baseia - se num discurso estafado dos benefícios da globalização, benefícios esses que estão hoje a ser postos em causa a nível internacional por movimentos de protecção das especificidades regionais, e ainda bem.

Estamos, portanto, num impasse.

Mas os impasses são sempre momentos em que podem ter início rupturas do pensamento reinante.

Saibamos entender os sinais dos tempos novos.

Esquema do consumo de recursos naturais a nível mundial por país, pertencente ao site da American Association for the Advancement of Science - "Atlas of Population and Environment", classificação onde os Estados Unidos da América se constituem como um dos líderes do consumo per capita.

### TOP CONSUMERS, 1998

#### Primary energy\*

	Metric tons oil equivalent per capita	GNP per capita US\$ 1998
UA Emirates	18.95	17 870
Kuwait	9.17	id
Singapore	8.80	30 170
USA	7.83	29 240
Canada	7.18	19 170
Belgium and Luxembourg	6.21	26 340
Australia	5.56	20 640
Norway	5.48	34 310
Netherlands	5.36	24 780
Iceland	5.07	27 830
Saudi Arabia	4.98	6 910
Sweden	4.89	25 580
Finland	4.71	24 280
France	4.24	24 210
Germany	4.09	26 570

\* Commercially traded fuels only

#### Roundwood\*

	Cubic meters per capita	GNP per capita US\$ 1998
Finland	12.08	24 280
Guatemala	12.03	1 640
Sweden	7.43	25 580
Canada	6.41	19 170
Gabon	3.20	4 170
New Zealand	2.90	14 600
Norway	2.50	34 310
Latvia	2.42	2 420
Austria	2.27	26 830
Chile	2.11	4 990
Eq. Guinea	1.88	1 110
USA	1.76	29 240
Estonia	1.74	3 360
Belarus	1.66	2 180
Uruguay	1.62	6 070

\* Raw timber only

#### Passenger cars

	Cars per thousand people	GNP per capita US\$ 1998
Italy	539	20 090
Germany	506	26 570
Australia	488	20 640
USA	483	29 240
Austria	481	26 830
Switzerland	477	39 980
New Zealand	470	14 600
Canada	455	19 170
France	442	24 210
Belgium	435	25 380
Sweden	428	25 580
Slovenia	403	9 780
Norway	402	34 310
Japan	394	32 350
Finland	392	24 280

Source: BP, FAO, World Bank.

## **7 - Meios de Comunicação**

. O Mito de Sociedade Desenvolvida = Meios de Comunicação “livres”: Os mass media como forma de controle das expectativas das populações nas sociedades modernas

Assuntos abordados :

- .Evolução dos vários meios de comunicação
- . A televisão e a era digital
- . Os mass media como forma quase única de legitimação do status social
- . A necessidade de se parecer “objectivo”
- . O equilíbrio entre o sonho das crianças (desenhos animados) e o pragmatismo dos adultos (noticiários): os vários níveis da realidade
- . A representação da realidade enquanto substituto da própria realidade
- . A manipulação da opinião pública mundial através dos mass media

**Bibliografia:**

**Os novos cães de guarda** - Serge Halimi, Editora: Celta Editora (1998)

**A tirania da comunicação** - Ignacio Ramonet, Editora: Campo das Letras, Coleção: Campo dos Media (1999)

**Websites:**

[http://www.ucm.es/info/especulo/numero12/era\\_digi.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero12/era_digi.html)

- **Conferência de Joaquín Aguirre Romero** na Universidade Complutense de Madrid

### **7.1. Evolução dos vários meios de comunicação - análise de uma conferência de Joaquín Aguirre Romero na Universidade Complutense de Madrid: “As fronteiras da informação na era digital”**

Segundo este autor, uma sociedade de informação não é, como alguns pensam, uma sociedade mais e melhor informada; é antes uma sociedade em que uma série de elementos se converte em informação. Estamos perante uma nova forma de alquimia: a alquimia do bit: a digitalização é a apreensão numérica / matemática da realidade, para esta poder ser manipulada.

Verifica-se hoje uma aceleração do tempo, e esta aceleração, conjugada com a maior duração de vida humana, faz com que nos sintamos incómodos de forma permanente.

No campo da informação, esta mudança acelerada traduz-se em dois factores: renovação tecnológica e busca de adequação entre as estruturas informativas emergentes e as audiências.

Desde os anos sessenta que a televisão se converteu no meio de comunicação predominante no sistema informativo; a

televisão obrigou a que todos os outros meios de comunicação, desde a imprensa ao cinema, ocupassem os seus espaços vazios.

E, quando parecia que o sistema tinha encontrado o equilíbrio, chegou de rompante a revolução digital.

No sistema informativo tradicional os papéis estavam claramente definidos e a comunicação fluía num só sentido: de cima para baixo, de um emissor único para os milhares / milhões de receptores passivos. Ora, o “sistema” digital é terrivelmente activo, horizontal e dinâmico; agora, são as ideias que actuam, quando antes era o capital dos grandes grupos económicos a ditar as regras do jogo.

O alcance da revolução digital manifesta-se pelo carácter de crescimento vertiginoso, incontrolável. A sua actuação é profunda a nível social e cultural e, por isso mesmo, há muitas decisões nas mãos dos indivíduos.

A luta pelo controle da hegemonia dos meios de comunicação dá-se actualmente entre a televisão e o computador pessoal.

A televisão apresenta-nos um espectáculo global, enquanto que o mundo digital é, pelo contrário, um conjunto de referências diversificadas. O computador converte o receptor



passivo do televisor em produtor activo num campo universal – o ciberespaço. Além disso, cria um sentimento de pertença, de comunidade que partilha conhecimentos e emoções, um espaço virtual de liberdade de expressão individual.

## **7.2. Resumo**

Os meios de comunicação de massas têm hoje um papel único, como legitimador social de personalidades e ideias.

E esse papel pode, como em tudo na vida, ser utilizado de forma positiva ou negativa.

O equilíbrio, nestes meios de comunicação, parece dar -se entre vários níveis de compreensão da realidade (sonho e real, criança e adulto - desenhos animados e noticiários, por exemplo), sendo que esta representação da realidade está nos dias de hoje a substituir a própria realidade.

Como hábeis manipuladores dos mass media que são, os Estados Unidos da América dominam as agências noticiosas, o que torna quase impossível uma notícia agreste aos seus interesses passar em horário nobre (por exemplo, mil iraquianos morreram numa ponte em Bagdad devido à acção directa do

exército norte americano - a notícia desapareceu dos noticiários de todo o mundo passadas algumas horas...)

Por sua vez, os lobbies dos mass media (lobby judaico nos Estados Unidos, lobby gay, lobby económico, etc) actuam de forma silenciosa e impune, o que faz com que muitas das imagens que vemos tenham uma lógica interna muito forte, enquanto narrativa reveladora do sistema de pensamento que a produz.

Existe também uma necessidade de se parecer objectivo, mesmo se essa objectividade é totalmente falsa (políticos que se tornam comentadores “imparciais” e vice - versa).

Perante isto, os mass media tornaram -se vias de expressão de um só sentido, uma vez que estão inseridos numa lógica de adormecimento das populações, no que respeita a injustiças sociais gritantes.

Os jornais, as televisões, a rádio e agora a Internet, tornam -se, assim, meios de transmissão de propaganda política, ou seja, de uma visão parcial sobre a realidade, tendendo à indução de um estado psicológico de bem estar,

para que as revoluções sociais sejam afastadas de uma vez por todas da mente das pessoas.

Deste modo, o mito da comparação imediata: “ - Sociedades democráticas significam mass media livres, livre opinião”, etc - é totalmente ridicularizado.

Serge Halimi fala -nos da “lenda da independência do jornalista”; “postos perante a remota possibilidade de perderem influência - eles ou os seus jornais - por tomarem partido contra o poder, a maior parte dos profissionais de imprensa preferem fazer coro com os lobos”. Este autor esclarece -nos ainda sobre a “prudência perante o dinheiro”, e o “simulacro de democracia (...), esta nova doutrina da soberania limitada”.

Para terminar, Halimi revela que, por muito tempo ainda, o desejo de transformação social continuará a esbarrar no obstáculo de uma informação medíocre e de dóceis jornalistas ao serviço da máquina de propaganda do pensamento de mercado.

Já segundo Ignacio Ramonet, a escala de poderes de Montesquieu está subvertida, sendo o primeiro poder exercido hoje pela Economia, o segundo pelos mass media, e o poder político aparece agora em terceiro lugar.

Para este autor, actualmente a verdade é aquilo que os meios de comunicação propagam como tal, sendo o único meio de confirmar se uma informação é verídica comparar as versões dos diferentes media...

## **8 - Egocentrismo / negação da família matriarcal / patriarcal**

. O Mito do conceito anglo - saxónico de família como o único possível para uma sociedade justa e estável

Assuntos abordados :

- . Breve história da estrutura familiar: família patricarcal, nuclear e tentacular
- . O indivíduo enquanto medida de todas as coisas - individualismo, conceito anglo - saxónico de família, rejeição do conceito tribal
- . A divisão clara entre cultura e natureza como algo de intrínseco e inevitável ao ser humano em sociedade
- . A rejeição enfática e imediata da estrutura tribal da sociedade
- . A promoção do individualismo e egoísmo, como forma de aceitação social do conceito de família anglo - saxónico
- . Negação da ideia do colectivo (comunismo)
- . Apelo ao consumismo através de uma publicidade hiper - agressiva e de mensagens subliminares

**Bibliografia:**

**O Paradigma perdido: A natureza humana** - Edgar Morin, Editora: Europa - América, Coleção: Biblioteca Universitária (1973 - primeira edição)

**Sociologia da Família** - Chiara Saraceno, Editora: Editorial Estampa, Coleção: Imprensa Universitária (1992)

**O dinheiro louco** - Alain Minc, Editora: Difel, Coleção: Documento e Ensaio (1990 - primeira edição)

**Websites:**

[http://noticias.aol.com.br/revista/numero\\_7/7\\_kehl\\_familia\\_deseestr.pdf](http://noticias.aol.com.br/revista/numero_7/7_kehl_familia_deseestr.pdf) - Revista AOL - Portal AOL Notícias - Artigo de Maria Rita Kehl: Família do Novo Milênio: desestruturada ou reestruturada ?

### **8.1. Breve história da estrutura familiar**

Segundo Maria Rita Kehl, a família nuclear (pai, mãe e filhos vivendo na mesma casa), tal como a conhecemos, tem apenas pouco mais de dois séculos de existência. Este modelo, que parece a mais natural forma de organização familiar é, na verdade o que correspondeu à fase de expansão da moderna sociedade burguesa. Apelida-se de família “normal” este modelo de família nuclear – monogâmica, patriarcal e endogâmica – que predominou entre o início do século XIX e meados do XX no Ocidente, mas foi de facto o modelo que criou o grande laboratório das neuroses das sociedades modernas.

Na segunda metade do século XX ocorreu uma mudança, e o modelo de família “hierárquica”, organizada em torno do poder patriarcal, começou a ceder lugar a um modelo mais igualitário, beneficiando a posição das mulheres (ingresso no mercado de trabalho e consequente emancipação financeira).

As separações e as novas uniões efectuadas ao longo da vida dos adultos foram formando, aos poucos, um novo tipo de família, à qual se pode chamar de família tentacular, na qual as crianças convivem com novos parceiros da mãe e do pai e com irmãos fruto de novas uniões dos seus pais.



Esta nova estrutura familiar tem as suas próprias formas de patologia, relacionadas com a omissão da geração parental em relação à educação dos filhos.

## **8.2. Resumo**

A estrutura social e económica actual nas sociedades desenvolvidas não teria ido tão longe, se o conceito familiar base dessa estrutura não fosse o anglo - saxónico, conceito esse que advoga a precoce independência económica dos filhos em relação aos seus progenitores.

Para Chiara Saraceno, a família nuclear como estrutura de convivência familiar esteve presente durante vários séculos muito antes da industrialização em diversas zonas da Europa; todavia, é indubitável que em todos os países envolvidos no processo de industrialização este tipo de convivência familiar se difundiu rapidamente também a áreas e a categorias caracterizadas anteriormente por outros tipos de estrutura familiar.

Nas zonas rurais das sociedades latinas do Mediterrâneo (Portugal, Espanha, Itália) o conceito familiar é diferente (família de base matriarcal / patriarcal), e daí existir ainda algum humanismo nas relações sociais, e não se terem atingido os limites do stress e do capitalismo desenfreado que se verificam nas grandes cidades.

Uma estrutura social de base tribal ou muçulmana não poderiam, de facto, sustentar uma sociedade capitalista pura.

Também o conceito do individualismo levado ao extremo - ou seja, as necessidades básicas do indivíduo encaradas como medida de todas as coisas, ao nível económico da sociedade, são características importantes das sociedades de consumo actuais.

Estas sociedades baseiam -se nos sentimentos mais negativos do ser humano: o já citado individualismo, o egoísmo, a ganância, a avidez por dinheiro, a negação do colectivo (representado pelo ódio primário ao Comunismo, que se deseja diabolizar).

Segundo Alain Minc, "A família constitui agora a única estrutura de solidariedade que o indivíduo aceita. Acabou -se a

tribo de outrora, que misturava as gerações, as fratrias e os hábitos de vizinhança! A família nuclear triunfa, restringida aos pais e aos filhos”; “Os indivíduos vivem sozinhos ou quase. Também trabalham cada vez mais sós”.

Segundo Alain Minc, a família substituiu a tribo de outrora, que misturava gerações, fratrias e hábitos de vizinhança: o colectivo cedeu lugar ao indivíduo, sozinho perante uma realidade que o domina.

Minc concretiza a lúcida análise que faz, dizendo: “Este indivíduo é evidentemente o mais excepcional homo economicus com o qual pode sonhar uma economia de mercado”...

Por outro lado, o apelo ao consumismo é levado a cabo através de uma publicidade altamente agressiva do ponto de vista da apresentação directa visual e sonora do produto e de mensagens subliminares que cansam o consumidor e o levam a um estado de adormecimento extremamente útil para que esse marketing violento possa actuar calma e livremente.

Um aspecto que se tem pretendido enfatizar de um modo enganoso é o da divisão entre natureza e cultura, que seria o fundamento para uma pseudo teoria da evolução das

sociedades humanas, na qual a sociedade de consumo se constituiria como o exemplo máximo dessa evolução.

A este respeito, vale a pena ouvir Edgar Morin: “(...) é muitíssimo provável que não só os utensílios, mas também a caça, a linguagem, a cultura, tenham aparecido no decurso da hominização, antes de ter nascido a espécie propriamente humana do sapiens. Quer dizer que a hominização é um processo complexo de desenvolvimento, imerso na história natural e donde emerge a cultura”; “Assim, a questão da origem do homem e da cultura (...) é uma questão com um alcance teórico imenso, múltiplo e geral, é o nó górdio que sustém a soldadura epistemológica entre natureza / cultura, animal / homem. É o local exacto onde devemos procurar o fundamento da antropologia”; “A novidade que o sapiens traz ao mundo não consiste, como se julgava, na sociedade, na técnica, na lógica, na cultura. Consiste, pelo contrário, naquilo que até agora se considerava como epifenomenal, ou que imbecilmente se saudava como sinal de espiritualidade: a sepultura e a pintura.”

Deste modo, Morin revela -nos que a natureza e a cultura se intersectam continuamente, e que seria inglória a procura da

expressão mais “pura” de cultura, pois ela está umbilicalmente ligada ao conceito da irracionalidade do homem.

## **9 - A invenção da moeda**

. Mito: Tudo é comprável - A moeda como forma única de representação da realidade e de dar sentido à vida

Assuntos abordados :

- . Evolução do sistema monetário: da troca directa à representação abstracta dos valores económicos
- . A ideia da unificação da natureza pela introdução do conceito de valor: a Moeda
- . O abandono da troca directa de sociedades antigas
- . A forma simplista de dar sentido à vida pela procura individual de cada vez maiores quantidades de dinheiro
- . O controle social através do controle económico sobre a vida das pessoas (o sistema das profissões enquanto meio de catalogação individual)
- . Estrutura de remunerações dos trabalhadores docentes

**Bibliografia:**

**Websites:**

<http://www.bcb.gov.br/?ORIGEMOEDA> - Museu de Valores do Banco Central do Brasil – Origem e evolução da moeda

<http://www.fenprof.pt/Superior/?xpto=37&cat=125&doc=256&mid=132> - **Proposta de Contrato Colectivo de Trabalho do Ensino Superior Particular e Cooperativo**



## **9.1. Breve História da Moeda**

A moeda é o resultado de uma longa evolução.

No início praticava -se a simples troca de mercadoria por mercadoria.

Esta elementar forma de comércio foi dominante no início da civilização, podendo ser encontrada, ainda hoje, entre povos de economia primitiva. Existe uma equivalência de valor meramente intuitiva, na troca directa.

Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceites por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para lhes avaliar o valor. Eram as moedas -mercadorias. O gado bovino, o sal, o açúcar e o pano foram algumas dessas mercadorias.

Com o passar do tempo, as mercadorias tornaram -se inconvenientes para as transacções comerciais, devido à oscilação do seu valor, pelo facto de não serem fraccionárias e por serem facilmente perecíveis, não permitindo a acumulação de riqueza.

Quando o homem descobriu o metal, não demorou muito a que este substituísse as mercadorias como forma de moeda. Por apresentar vantagens como a possibilidade de entesouramento, divisibilidade, raridade, facilidade de transporte e beleza, o metal foi eleito como principal padrão de valor.

Mais tarde, o metal ganhou forma definida e peso determinado, recebendo marca indicativa de valor, o que facilitou as transacções, dispensando a pesagem e permitindo imediata identificação da quantidade de metal oferecida para troca. Os utensílios de metal passaram a ser mercadorias muito apreciadas.

Surgem, então, no século VI a.c., as primeiras moedas com as características das actuais.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro, a prata e o cobre.

Com o advento do papel moeda a cunhagem de moedas metálicas ficou restrita a valores inferiores, necessários para troco.

Na Idade Média, surgiu o costume de se guardarem os valores num ourives, pessoa que negociava objectos de ouro e prata. Este, como garantia, entregava um recibo. Com o tempo, esses recibos passaram a ser utilizados para efectuar pagamentos, circulando de mão em mão e dando origem à moeda de papel.

Com a supressão da conversibilidade das cédulas e moedas em metal precioso, o dinheiro cada vez mais se desmaterializa, assumindo formas abstractas, como por exemplo o cheque.

O dinheiro, seja em que forma se apresente, não vale por si, mas pelas mercadorias e serviços que pode comprar.

A moeda surgiu de uma necessidade de base do ser humano em sociedade, e a sua evolução foi no sentido de um afastamento da realidade, e de uma representação indirecta dos valores económicos.

## **9.2. Resumo**

A invenção da moeda foi uma forma simplista de atribuir valor às várias realidades do dia a dia, e tornou -se rapidamente

o único meio de dar sentido à vida, tendo sido um forte incentivo à criação do mito de que tudo é comprável e, por essa via, contribuiu para uma visão do mundo afastada da natureza, como se fosse uma espécie de ordem dentro do caos da arbitrariedade que é a própria vida.

Assim, a ideia da unificação do mundo pela introdução de algo artificial que lhe dá valor é uma ideia perigosa que deu origem à quebra da estrutura dos valores das sociedades humanas primitivas, tendo levado também ao seu afastamento em relação às suas origens biológicas.

O abandono da troca directa pelo sistema monetário fez com que surgisse uma simplificação tão extrema que é apenas comparável à compartimentação do estudo da Linguagem pela disciplina única: a Linguística.

E é esta forma simplista de entender o mundo que levou à próxima etapa, a um nível de adaptação psicológica do ser humano a este sistema de valor (es): o homem procura cada vez maiores quantidades de dinheiro, até porque as regras sociais relativas às categorias sócio - profissionais a isso obrigam...

Este controle social dá -se através do controle económico sobre a vida das pessoas, e o pensamento de senso comum da maioria da população - algo sempre demagógico - introduz uma relação de forças na estrutura de remuneração da sociedade, o que por sua vez origina uma catalogação do indivíduo no todo social.

Há que desmontar os conceitos falaciosos, como o discurso economicista fácil dos políticos e a globalização das entidades económicas, dizendo o seguinte: - Não é colocando sistemas de representação de valor entre o homem e a natureza, que esta se torna presa e nós os seus predadores, pois o desequilíbrio ecológico arrastar -nos -á também para a destruição dos elementos naturais que possibilitam a sobrevivência do ser humano no planeta Terra.

A Proposta de Contrato Colectivo de Trabalho do Ensino Superior Particular e Cooperativo da Federação Nacional de Professores, como exemplo da estrutura de Remunerações dos trabalhadores docentes - a catalogação social através do sistema remuneratório.

### ANEXO III REMUNERAÇÕES ILÍQUIDAS 1999/2000

#### Trabalhadores Docentes Regime de Dedicção Exclusiva

##### Docentes Universitários

Categorias	Escalões			
	1	2	3	4
Professor Catedrático	285	300	310	330
Professor Associado c/ agregação	245	255	265	285
Professor Associado e Auxiliar c/ agregação	220	230	250	260
Professor Auxiliar	195	210	230	245
Assistente e Leitor	135	140	150	
Assistente Estagiário	100	110		

##### Docentes do Ensino Superior Politécnico

Categorias	Escalões			
	1	2	3	4
Professor Coordenador c/ agregação	245	255	265	285
Professor Coordenador s/ agregação	220	230	250	250
Professor Adjunto	185	195	210	225
Assistente do 2º triénio	135	140	150	
Assistente do 1º triénio	100			

ÍNDICE	Remuneração
100	278.400\$
110	306.300\$
135	375.900\$
140	389.800\$
145	403.700\$
150	417.600\$
155	431.600\$
185	515.100\$
190	529.000\$
195	542.900\$
205	570.800\$
210	584.700\$
220	612.500\$
225	626.400\$
230	640.400\$
245	682.100\$
250	696.000\$
255	709.900\$
260	723.900\$
265	737.800\$
285	793.500\$
300	835.200\$
310	863.100\$
330	918.700\$

## **10 - O “estilo internacional” na arquitectura**

. Mito: a cidade como palco privilegiado da Democracia - O poder centralizado enquanto tirania moderna

Assuntos abordados :

- . O desequilíbrio actual da arquitectura a nível global
- . O modelo societário e o modelo comunitário
- . O estilo internacional: funcionalismo da Bauhaus  
A Carta de Atenas - a “Cidade Máquina”
- . O debate entre o modelo de Venturi e o de Rossi
- . As cidades na vertical (ruptura do ponto de horizonte para o ser humano), enquanto fontes de poder através do medo das populações
- . A cidade como centro de um poder quase incorpóreo
- . Exercer o poder pelo medo: as invasões modernas americanas
- . A demonstração de poder perante a população dos subúrbios e a ruptura com a linha do horizonte rural: a perda da ligação à Terra / Natureza
- . O estilo internacional enquanto forma de mecanização da vida das populações “produtivas”



e de supressão da criatividade na arquitectura  
(desprezo por Gaudí e Hundertwasser, por  
exemplo)

### **Bibliografia:**

**A arquitectura moderna** - Gillo Dorfles, Editora: Edições 70,  
Colecção: Arte e Comunicação (1986)

**A Sociologia das Cidades** - Alfredo Mela, Editora: Editorial  
Estampa, Colecção: Temas de Sociologia (1999)

### **Websites:**

<http://blog.uncovering.org> - **Blog Obvious**

[http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art\\_27/arte.html#  
arqpos](http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_27/arte.html#arqpos) - Henrique Ferraz, A Arquitetura Pós-Moderna: Robert  
Venturi e Aldo Rossi - Revista Electrónica de Ciências, Brasil

### **10.1. Algumas opiniões**

Gillo Dorfles diz -nos que a situação actual é bastante desanimadora: a sociedade moderna encontra -se encurralada por vários factores: aumento da população, consumismo, desequilíbrio económico e social, o que leva a que, por todo o mundo, haja construções desproporcionadamente publicitárias (grandes exposições, estádios desportivos, etc) que se contrapõem à miséria das construções residenciais para as massas e das infra - estruturas públicas.

Segundo este autor, se desejamos o renascimento da arquitectura (entendida como arte do construir / arte do habitar e não apenas entendida como cartaz publicitário de uma indústria e de um regime político), a única via para o conseguir será a de inculcar uma nova consciência ecológico - territorial nas novas gerações de arquitectos, e a criação efectiva de condições para que essas gerações possam trabalhar construindo espaços verdadeiramente habitáveis.

Já para Ferdinand Tonnies, a passagem da civilização rural para as sociedades urbanizadas faz surgir um modelo societário (típico das metrópoles modernas, lugares de

racionalidade, cálculo económico, domínio do mercado em todas as relações sociais e anonimato dos indivíduos) e um outro modelo, o comunitário (característico do campo, das aldeias rurais, nas quais existe uma relação umbilical com a terra e os seus).

Alfredo Mela diz -nos que a cidade tem uma dupla natureza: é, ao mesmo tempo, o lugar da presença de redes mundiais e o sítio onde existe um sistema económico local. Para este autor, os mass media tendem a descrever a cidade como o *caos poético* da modernidade. Para sintetizar a opinião deste autor, “em quase todos os países desenvolvidos parece ter -se esgotado o impulso para um crescimento demográfico e económico concentrado predominantemente nos grandes aglomerados urbanos e assistiu -se, pelo contrário, a uma expansão muito rápida dos aglomerados suburbanos (...). De um modo geral, tanto na Europa como na América do Norte, começa a predominar uma tendência para aquilo que se pode definir como difusão urbana (...)”

## **10.2. O estilo internacional**

O estilo internacional começa a sua evolução na época do Funcionalismo, com a arquitectura da Bauhaus, Le Corbusier e outros. Apesar destes modernistas terem revelado preocupações de carácter político e social, o que conheceu ampla divulgação foi a imagem de frieza despersonalizada dos edifícios que construíram. E esta imagem foi exibida com o orgulho e fé nas tecnologias e na industrialização como veículo para criar um mundo melhor, ideias que nas mentes racionalistas seriam reduzidas a princípios universais aplicáveis a qualquer lugar do planeta.

Este estilo de arquitectura floresceu - cada vez mais longe da intenção inicial - nos Estados Unidos do pós guerra, devido à presença de vários mestres europeus fugidos ao nazismo (Gropius, Breuer, Mies, etc), e devido às condições sócio - económicas aí existentes.

Esta arquitectura está a criar uma moda nas cidades: não interessa a localização, a orientação solar, as condições climáticas ou os enquadramentos paisagísticos - o estilo internacional encarrega-se de tornar todas as construções banais, iguais na estrutura interior e no aspecto exterior...

A Carta de Atenas foi um documento elaborado nos CIAM's - congresso Internacional de Arquitectura Moderna - e foi dentro dos CIAM's que surgiu o Urbanismo, enquanto estudo interdisciplinar e sistematizado da questão citadina.

É na *Cidade Máquina* que o capitalismo avançado se vai ancorando, valorizando sempre um sistema de produção e de circulação de mercadorias, trabalhadores e informações.

A Carta de Atenas representa o triunfo institucionalizado do estilo moderno internacional.

Na arquitectura contemporânea, duas tendências principais vão discutir o percurso e a situação do movimento moderno: o modelo do norte - americano Robert Venturi e o modelo do italiano Aldo Rossi, ambos iniciados na década de 60.

Venturi baseia-se na cidade de Las Vegas: a metrópole é considerada uma série de imagens em movimento acelerado e a arquitectura o suporte da informação. As mensagens são breves, pois o *passageiro* circula sempre de automóvel, onde o ritmo de percepção é sempre muito rápido.

Já Rossi parte das cidades antigas italianas, e substitui o quadriculado repetitivo da estrutura urbana por uma malha sinuosa de ruas: para ele, é preciso resgatar as imagens de uma cidade, presentes no imaginário colectivo e trabalhá-las como se fossem o próprio coração da urbanização.

Estes dois modelos foram debatidos na Bienal de Veneza em 1980, tendendo esse debate para as ideias do modelo de Venturi.

Assim, a cultura tornou-se apenas uma mercadoria lucrativa, as minorias são consentidas nos seus guetos, e o centro das cidades são lugares soft, escondendo os seus conflitos internos - a urbe não é pensada como um todo, mas sim como uma colagem de fragmentos. Os cidadãos dão lugar a meros contribuintes e o Estado abre cada vez mais espaço à iniciativa privada neo - liberal nos meios urbanos.

Os novos tempos defendem a ciência como algo de bom e inofensivo. Ora, a ciência não é neutra, muito menos boa por si só. A tecnologia só seria neutra se os homens que a controlam fossem extremamente virtuosos, mas num mundo altamente capitalizado, onde a posse do conhecimento é uma nova forma

de segregação económica, deve-se ter muito cuidado ao se endossar toda e qualquer coisa em nome da razão.

### 10.3. **Resumo**

Desde a antiguidade que a cidade é o centro de um poder que se sente, mas não se vê, um poder incorpóreo, e não o “reino fértil” da pujante Democracia, portanto.

E esse poder parece ter o direito e o dever de esmagar qualquer demonstração de individualidade criativa, qualquer tentativa de rebelião social.

A cidade é a barreira psicológica suprema, é o lugar onde, dizem -nos, “tudo acontece”, seja esse *tudo* bom ou mau: é a expressão máxima da banalidade do dia a dia, é o mínimo denominador comum dessa entidade misteriosa a que chamamos de: realidade.

E, também desde a antiguidade, só existe uma forma de exercer esse poder: pelo medo do uso da força, ou seja, da expectativa de que, se não se obedecer ao poder central, a

invasão e subsequente destruição não só é provável, como inevitável.

O domínio norte - americano actual mais não faz do que perpetuar a memória dos povos no que respeita às grandes hordas e invasões que, sobretudo na Europa, se sucederam: Mongóis, Árabes, Romanos, Vikings, Napoleão, Aníbal, Alexandre Magno, Hitler, etc.

Nesse sentido de demonstração clara de poder, a construção na vertical (arranha - céus cada vez mais altos das principais cidades dos Estados Unidos) foi um elemento que marcou a posição dominante da tecnologia do novo mundo perante o mundo “antigo” europeu, definiu um novo equilíbrio de forças entre o centro do poder e o subúrbio da cidade, e também significou a ruptura com a linha horizontal do mundo rural, ou seja, a perda de ligação à terra / natureza.

Por outro lado, a disseminação assustadora do “estilo internacional”, enquanto meio de mecanização da vida das populações “produtivas” e de supressão da criatividade em arquitectura (o desprezo activo por Hundertwasser e Gaudí é significativo), veio clarificar que o que se pretendia era adaptar a construção em massa aos desígnios do poder económico e



político, e não permitir veleidades criativas aos “arquitectos - artistas”.

## CONCLUSÃO

*Dá jeito* esconder dos outros o conhecimento verdadeiro.

*Dá jeito* o medo perante a autoridade inculcado conscientemente nas Escolas dos países ocidentais.

*Dá jeito* uns Meios de Comunicação “controlados” ...

*Dá jeito* um sistema terapêutico oficial que sirva por vezes de crivo perante as mentes mais brilhantes, para que a verdade seja “aligeirada”, para o povo compreender apenas uma ínfima parte da realidade.

*Dá jeito* construir um pensamento único, que acuse de louco o cientista realmente sério, aquele que entre por um caminho que se deseja esconder da opinião pública.

*Dá jeito* dizer que a tecnologia actual nunca conseguiria tornar o Hidrogénio uma fonte de energia limpa alternativa ao petróleo...

Tudo isto, e muito mais, *dá jeito* ao actual raciocínio ocidental, para que se mantenha e eternize a farsa da “superioridade moral” do ocidente em relação aos países sub - desenvolvidos e ao mundo árabe ...

E dava jeito também que não houvesse sequer um único raciocínio alternativo, pensamento esse que colocasse tudo em causa, para poder absorver a sabedoria das civilizações antigas e revolucionar a sociedade com ideias novas. E dava ainda mais jeito uma nova forma de compreender as relações de forças do poder político que, ao actuar nas sociedades que afirma servir, mas cujas populações despidoradamente escraviza, exporta, perante a perspectiva do lucro fácil e da hipocrisia reinante, o modelo das “verdadeiras Democracias” para dezenas de países do 3º Mundo...

Pensar é um direito mas também um dever de cidadania.

Que quem leu estas breves linhas nunca o esqueça.



